O FENÔMENO DA SEXUALIDADE ADOLESCENTE: CONCEITO, CONTEXTUALIZAÇÃO E ANÁLISE

THE ADOLESCENT SEXUALITY PHENOMENON: CONCEPT, CONTEXTUALIZATION AND ANALYSIS

Dora Lúcia de Oliveira[1]

RESUMO

O presente trabalho aborda aspectos da fase da adolescência, enfatizando nesta abordagem o fenômeno da "sexualidade adolescente". Justificando a importância do tema para os profissionais que atuam no campo da saúde, o artigo conceitua "adolescência" e "sexualidade" e faz uma análise contextualizada deste fenômeno.

UNITERMOS: adolescência, sexualidade, sexualidade adolescente

ABSTRACT

This paper approaches adolescense aspects, emphasizing on the adolescent sexuality phenomenon. In order to strengthen the importance of the issue to health professionals the article gives concepts of "adolescence" and "sexuality" in the context of this phenomenon.

KEY WORDS: adolescence, sexuality, adolescent sexuality

Os profissionais que atuam no campo das ciências da saúde, especialmente os da área materno-infantil, têm se defrontado nos últimos anos com uma série de novas e importantes demandas criadas em função das transformações sociais. Algumas destas demandas estão relacionadas à população adolescente e, talvez as mais polêmicas, estejam vinculadas ao fenômeno da sexualidade, como a gravidez na adolescência e a AIDS. Neste contexto a "saúde do adolescente" tem se firmado como um novo e desafiador campo de prática para os profissionais da área e a sexualidade na adolescência tem estado na "vitrine" quando esta prática é colocada em discussão.

Este artigo conceitua, contextualiza e analisa aspectos da fase da adolescência, pontuando nesta análise a questão específica da sexualidade adolescente.

SER ADOLESCENTE SIGNIFICA ESTAR CRESCENDO, ESTAR SE DESENVOLVENDO PARA ATINGIR A MATURIDADE.

"Adolescência" vem de "adolescer", palavra em latim que significa crescer, tornar-se maior, atingir a maioridade. Ser adolescente significa, portanto, estar crescendo, estar se desenvolvendo para atingir a maturidade.

A adolescência tem sido limitada entre as idades de 10 e 20 anos, embora se reconheça que estes limites não são definitivos pois dependem da estrutura e do desenvolvimento físico e psíquico de cada um. Um exemplo de que estas idades são relativas é o fato de que existem muitos indivíduos de mais de 20 anos que se comportam como se tivessem 15 e vice-versa.

A adolescência é uma fase de intensas transformações corporais, psicológicas e sociais. No que diz respeito às modificações físicas (puberdade), o que de mais importante acontece é a perda do corpo infantil com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários. Nos meninos há um aumento dos testículos, o aparecimento de pêlos, um incremento da massa muscular, o surgimento de ejaculações e um crescimento estatural bastante rápido (estirão puberal). Nas meninas aparecem os brotos mamários, surgem os pêlos pubianos, alargam-se os quadris, as pernas e a cintura apresentam um novo formato que se assemelha ao de uma mulher adulta, acontece a primeira menstruação e também o estirão puberal.

Em relação às modificações mentais o que acontece de mais significativo é a aquisição da capacidade de abstração e de interpretação, substituindo a lógica concreta dos objetos. O adolescente passa, então, a manipular idéias, ao invés de simplesmente manipular objetos, a fazer conjecturas, a chegar a determinadas conclusões próprias.

Este novo estado mental leva o adolescente a inúmeras descobertas, muitas vezes conflituosas. Ele passa a se interessar por coisas antes completamente esquecidas e volta sua atenção para o

1 Enfermeira. Mestre em Educação. Professora Assistente do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil da Escola de Enfermagem da UFRGS.

ambiente que o cerca ampliando a sua percepção e o seu senso crítico. Volta sua atenção, também, para o sexo oposto e para a auto-imagem (namora o espelho).

Influenciado pelo desenvolvimento físico o adolescente inicia um novo tipo de relacionamento com o ambiente e este ambiente com ele. Aqui se iniciam os conflitos entre o meio e o adolescente. O adolescente se vê motivado a ingressar no mundo dos adultos, porém ainda não se sente preparado para isto. Ao mesmo tempo passa por um inevitável processo de desligamento do mundo infantil, no qual havia papéis claramente definidos e onde suas necessidades básicas eram plenamente satisfeitas.

O adolescente sofre perdas importantes nesta fase. Talvez as mais relevantes sejam a perda do corpo infantil, a perda do papel e da identidade infantil e a perda dos pais da infância. Esta última perda acontece na medida em que o adolescente passa a perceber os pais de forma diferente.

A crise gerada pela perda dos pais da infância é agravada em função de que também os pais têm dificuldades em aceitar a perda do filho criança. Na adolescência é comum o filho passar a questionar os poderes, o comportamento, as idéias e os valores dos pais, passando, então, a assumir uma nova postura dentro da família.

Nem sempre os pais compreendem as modificações de comportamento dos filhos adolescentes, talvez porque aceitá-las implique em perder o seu poder de participação na vida dos mesmos. Nesta fase para que possa existir um equilíbrio no relacionamento entre pais e filhos é necessário que o processo de evolução do adolescente seja acompanhado de uma evolução também dos pais, ou seja, "*a modificação de um resulta em modificação do outro, para se estabelecer o equilíbrio*" (Tiba, 1986, p.39). Perdida a identidade infantil o adolescente parte em busca de uma nova identidade baseado na clássica indagação de "quem sou eu?."

Na adolescência os filhos escapam do controle dos pais, tentam traçar sua própria trajetória em busca do que acreditam. Neste caminho exercitam sua capacidade de autonomia e independência, nem sempre com a aprovação dos pais. Neste sentido, parece, o comportamento dos pais é contraditório: ao mesmo tempo em que limitam os espaços de independência dos filhos, esperam que, ao final de todo este processo de crescimento, os jovens estejam prontos para enfrentar a vida com maturidade como indivíduos adultos.

A SEXUALIDADE NÃO É UM FENÔMENO QUE SURGE NA ADOLESCÊNCIA MAS, SIM, QUE ACOMPANHA O INDIVÍDUO DESDE QUE ELE NASCE.

Sexualidade é um fenômeno composto de um conjunto de atividades que resultam em prazer, não só prazer buscado no aparelho genital (genitalidade), mas toda uma série de excitações e atividades prazeirosas, presentes desde a infância, que não se reduzem à satisfação de determinada necessidade fisiológica (alimentação, excreção, etc). Toda esta série de excitações se encontra presente no que se tem chamado de forma normal de amor sexual. Partindo deste conceito conclui-se que a sexualidade não está restrita apenas ao "ato sexual" (genitalidade) mas, sim, inclui toda uma gama de situações vividas em busca do prazer (Laplanche & Pontalis, 1979).

A sexualidade é, talvez, o componente da fase da adolescência mais conflituoso. Ela é fonte de muitas crises e preocupações, não só por parte dos adolescentes mas, também, por parte dos pais. Impregnada de valores morais e preconceitos herdados da família e da sociedade, a "sexualidade", que aflora na adolescência com muito vigor, se revela aos olhos do adolescente e dos seus pais como uma situação-problema. Isto provavelmente porque até então a família não se preocupou em abordar e analisar honestamente as várias nuances da questão, nem no diálogo entre os pais, nem no diálogo com os filhos. A revelação da "sexualidade adolescente" é, portanto, uma espécie de "bomba" que inesperadamente cai no centro do núcleo familiar, desestruturando as suas bases.

Infelizmente o fenômeno da "sexualidade" só é encarado pelos pais como realidade concreta quando os filhos iniciam a fase da adolescência. Até então a "sexualidade" é vista como um mundo à parte, externo ao contexto familiar, nele incluído o pai, a mãe e o filho. Somente quando o menino ou a menina surgem na frente dos pais e das mães como "mocinhos" ou quando o desenvolvimento dos seus corpos já não passa desapercebido é que a família passa a considerá-los como seres sexuados. Abre-se, então, a partir da adolescência dos filhos, um "novo" e desconhecido leque de situações com as quais os pais passam a se preocupar.

Um complexo emaranhado de questionamentos passa a atordoar os pais. Por onde começar? Até que ponto abordar? Qual a melhor estratégia de abordagem? Espera-se a pergunta ou "despeja-se" tudo o que é importante de uma vez? Que limites devem ser impostos? Como proteger dos perigos do sexo? Estarei preparado para falar do assunto? O que até então passava desapercebido, ou fazia-se de conta não perceber, passa a ser, a partir de agora, uma questão crucial.

Embora o objetivo principal do presente artigo seja o de abordar a temática específica da sexualidade adolescente, só é possível tratar deste fenômeno de uma forma relacional, articulando-o com os múltiplos fatores que o determinam e o influenciam.

Como já se viu anteriormente a sexualidade não é um fenômeno que surge na adolescência mas, sim, que acompanha o indivíduo desde que ele nasce. Está presente, portanto, em todos os momentos da vida, é inerente à própria existência humana e, por isto mesmo, é influenciada por fatores sócio-

econômico-culturais. Não existe ser humano sem sexualidade. Todos os indivíduos, quer admitam ou não, exercitam continuamente sua sexualidade. Não é possível, assim, se despojarem dela para ir ao trabalho, por exemplo, ou, no caso dos adolescentes, para ir à escola ou ao jogo de vôlei. Ela os acompanha sempre, ao longo de toda a sua vida.

Considerada a influência do ambiente social, a sexualidade assume determinados contornos de acordo com determinadas exigências e expectativas sociais. Por exemplo, sabe-se que existem povos em ilhas da índia, como os Múrias, onde o sexo, assim como o trabalho, a alimentação e o sono, é aceito abertamente como parte natural da vida e desde a infância a criança já se encontra familiarizada com os fatos básicos do comportamento sexual. Existe até um lugar específico, considerado como sagrado, chamado de "ghotul" no qual as crianças podem ter contatos sexuais. Neste ambiente espera-se das crianças e dos adolescentes que se tornem, através da exploração das possibilidades de prazer que a sexualidade oferece, adultos confiantes e seguros.

E claro, a cultura dos Múrias difere em muito da cultura ocidental no que diz respeito ao sexo. Este artigo não está querendo pregar este ou aquele modelo de cultura sexual, mas, sim, mostrar que dada a diversidade cultural e a dinamicidade da história, a sexualidade moldada em função da cultura, dos seus valores, dos seus princípios éticos e morais, resulta em um número variável de "sexualidades" mutáveis em função das transformações sociais.

O SURGIMENTO DA "NOVA MORAL SEXUAL" NÃO DESTRUIU A ANTIGA, AO CONTRÁRIO, SE UTILIZOU DE SUA LEGITIMIDADE PARA, JUNTO COM ELA, SE ESTABELECER.

Enfatizada a importância de uma visão ampliada e contextualizada da sexualidade, faz-se necessário refletir sobre a questão da evolução histórica do fenômeno da sexualidade adolescente. Tome-se como referência a década de sessenta, marco importante na transformação da cultura sexual. Nesta década grupos organizados articulam um processo de contestação da moral e dos valores vigentes. Incrementada esta contestação derrubam-se os padrões de comportamento válidos até então, estabelecendo-se valores diametralmente opostos. Destas mudanças resulta uma nova ordem de padrões de comportamento sexual, uma "nova moral sexual".

Da década de sessenta para cá tem acontecido uma avalanche tão grande de mudanças no campo da moral sexual que muitas vezes os indivíduos se encontram perdidos, sem saber o que pensar, ou como agir. Afinal, o que deve ser valorizado quando o assunto é "sexo"?

Dentre os padrões de comportamento sexual literalmente derrubados a partir da década de sessenta talvez os mais consequentes sejam a valorização positiva da virgindade e a proibição de relações sexuais fora do casamento. Ultrapassado o "tabu da virgindade" os jovens passaram a ser empurrados para o sexo com o pretexto de ser esta uma forma de exercício do direito à liberdade e à modernidade. Neste contexto substituiu-se o "tabu da virgindade" pelo "tabu da não virgindade" confundindo-se "liberdade de opção" com "imposição de opção".

Como coadjuvante neste processo de transformação dos padrões de comportamento sexual aparece a ação dos meios de comunicação de massa, veiculando ininterruptamente mensagens sobre sexo, mensagens estas que acabaram prescrevendo nas suas entrelinhas modelos de comportamento e de papéis sexuais para homens e mulheres. O surgimento da pílula anticoncepcional, prometendo acabar com o risco da gravidez não desejada, também pode ser citado neste contexto como um dos fatores que contribuiu para incentivar a atividade sexual dos jovens.

Como pano de fundo de todas estas modificações está o capitalismo que, aproveitando toda esta abertura a discursos sobre "sexo", fez surgir um novo tipo de viés econômico, o investimento maciço na indústria do sexo e na pornografia. Aparece, então, neste "palco", a máquina televisiva com a qual ficou realmente muito fácil atrair milhares de consumidores. Como enfatiza Simonetti (1993), a TV, com raras exceções, tem sido usada atualmente pelo mercado não só para formar e informar, mas também para enformar (no sentido de colocar numa forma) a sexualidade das pessoas, inclusive a das crianças. No caso da sexualidade feminina, ao contrário de a TV contribuir para a liberalização da mulher, o que se tem assistido é um aprisionamento ("enformação") cada vez mais intenso da mulher como "objeto de consumo".

Um dos resultados desta pressão para o consumo, fundada nos princípios do capitalismo, parece ser a tendência de não se valorizar a qualidade das relações entre as pessoas, aí incluídas as sexuais, e as recíprocas trocas positivas que elas podem proporcionar mas, sim, o componente individual desta relação, os interesses, a satisfação e o lucro pessoal que podem dela advir. No tocante às relações sexuais o que se tem visto é a valorização do corpo não como a própria expressão da existência humana mas, sim, como "substância amorfa" da qual se deve dispor, usar e manipular, explorando ao máximo sua capacidade de produzir um prazer imediato.

O surgimento da "nova moral sexual", resultante de todos os fatores descritos acima não destruiu a antiga, ao contrário, se utilizou de sua legitimidade para, junto com ela, se estabelecer. Esta dupla moral, ainda e sempre vigente, tem exposto todos, mas principalmente, os jovens a uma confusão de valores sobre sexualidade.

"De um lado a família, tentando adaptar-se à rápida mudança dos padrões de comportamento

sexual, com dificuldade para dosar a informação sobre "sexo" e acompanhar o nível de questionamento dos jovens, querendo participar do que se tem chamado de "modernização", porém sem conseguir abandonar o esquema tradicional de considerações sobre a prática sexual dos filhos. De outro o jovem, pressionado entre o discurso familiar e os apelos da sociedade de consumo."(Oliveira, 1994, p.44)

Infelizmente o jovem nem sempre tem espaço para se informar ou discutir sobre sexualidade na nossa sociedade. Embora haja divulgação cada vez maior do tema "sexo" nos meios de comunicação, conforme já comentado, as mensagens têm sido contraditórias e refletem uma sociedade pseudo-liberal em que, num grande número de famílias, o verdadeiro diálogo sobre sexualidade entre pais e filhos não acontece. Na crítica a este atual "estado de coisas" há que se considerar, também, a inoperância das instituições de ensino formal no campo da educação sexual dos jovens.

Quando se fala em educação sexual é comum pensar-se na escola embora, especificamente neste "métier", a escola não possa substituir os pais. Além disto, é sempre importante lembrar que a postura dos pais em relação à sexualidade será determinante nas atitudes dos filhos em relação à sua própria sexualidade. Como exemplos da importância educativa desta postura se pode apontar, ainda que numa análise muito reduzida, o tratamento diferenciado de valores para filhos e filhas, a questão da masturbação encarado como algo sujo e a orientação sexual dirigida apenas aos aspectos negativos do sexo.

Antes de concluir, embora sem a pretensão de ter esgotado o assunto, não se pode deixar de falar nas duas avassaladoras epidemias que têm tão duramente atingido a nossa população: a AIDS e a gravidez na adolescência. Ambas se constituem, ao mesmo tempo, em problema social e de saúde, posto que acabam por marginalizar indivíduos e grupos, não só pela perda do seu status moral, como também pela perda da sua saúde.

A dura realidade demonstrada por estas duas epidemias, atualmente fora do controle do Estado, parece revelar a ineficácia das campanhas informativas e dos programas de educação sexual desenvolvidos pelas escolas. Parece revelar, também, a inoperância e a omissão das famílias na educação sexual dos seus filhos.

NA VERDADE, O QUE O JOVEM NECESSITA E ESPERA É UM DIRECIONAMENTO NA TRAJETÓRIA DA SUA VIDA SEXUAL.

A análise e a crítica que tem sido feitas a algumas das experiências já realizadas no campo da abordagem de questões ligadas à sexualidade junto à população adolescente parecem fornecer subsídios para a conclusão de que, na verdade, o que o jovem necessita e espera é um direcionamento na trajetória da sua vida sexual. Não um direcionamento autoritário, metódico e científico, mas um direcionamento democrático, honesto, isento de preconceitos e conduzido no sentido da formação de atitudes positivas perante o sexo. Seria o mesmo que apontar um caminho, adimitindo não ser este o único possível, mas o único até então conhecido.

Neste sentido o que talvez seja imprescindível é passar a tratar a questão do "sexo" de uma forma ampliada, discutindo as suas várias nuances e, sobretudo, sem enfatizar apenas os seus aspectos negativos. Ao se falar sobre sexualidade com adolescentes não se pode esquecer que, como diz Freire (1993, p.11), *"um corpo inteiro não pode ser dividido corpo e mente; razão e emoção; inteligência e sentimentos..."* e que *"nenhuma dicotomia é capaz de nos explicar"*.

É essa integralidade do corpo humano que traz a certeza de que *"a sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência..."* (Freire, 1993, p.12), cobra de todos, adultos e adolescentes, uma volta crítico-amorosa em busca de um saber do corpo, de um corpo consciente de si e consciente do mundo. E isto parece indicar um direcionamento para a ação dos profissionais da saúde, envolvidos e interessados na saúde do adolescente. Incentivar e facilitar a busca de um saber de si e do mundo talvez seja o caminho...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 FERRAROTTI, Nydia Gomes. La salud y las áreas de educación para la salud en la adolescencia. In: ORGANIZACIóN PANAMERICANA DE LA SALUD. *La salud del adolescente y el joven en las Americas*. Washington; 1985. p.30-36. (Publicación Científica, n.489).

2 FREIRE, Paulo. Apresentação. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). *Educação sexual:* novas idéias, novasconquistas.Rio de Janeiro:Rosa dos Tempos, 1993. p.11-12

3 JUHASZ, Anne McCreary; SONNENSHEIN-SCHNEIDER, Mary. Adolescent sexuality: values, morality and decision making. *Adolescence*, San Diego, v.22, n.87, p.579-590, Fall 1987.

4 LAPLANCHE,J.; PONTALIS,J.B. *Vocabulário da psicanálise*. Santos: Martins Fontes, 1979.

5 NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papirus, 1987.

6 OLIVEIRA, Dora Lúcia Leidens Corrêa de. *Sexualidade na escola pública:* limites e possibilidades da educação de professores. Porto Alegre: UFRGS, 1994. 295 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

7 SIMONETTI, Cecília. Mercado de paixões: a influência da mídia no comportamento sexual infantil. In: RIBEIRO, Marcos (Org.) *Educação sexual:* novas idéias,novas conquistas.Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.81-88.

8 TIBA, Içami. *Puberdade e adolescência*: desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo: Agora, 1986.

9 WOODCOCK, Alison; STENNER, Karen; INGHAM, Roger. All these contraceptives, videos and that...: young people talking about school sex education. *Health Education Research:* Theory and Practice, London, v.7, n.4, p.517-531, 1992.

Endereço do autor: Dora Lúcia de Oliveira
Author's address: Rua São Manoel, 963
90.620-110 - Porto Alegre - RS